

## Revista de Catequese

Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

São Paulo, *Campus* Pio XI: Curso de Teologia

Disponível em: <https://revista.unisal.br/catequese/index.php/rcu/issue/view>

V. 1, n. 1, jan./jun., 2023, p. 67-77.

### A LITURGIA E A DIMENSÃO CELEBRATIVA DA CATEQUESE: UM CAMINHO PARA UMA VIVA EXPERIÊNCIA DE FÉ NA COMUNIDADE ECLESIAL

#### *THE LITURGY AND THE CELEBRATIVE ASPECT OF CATECHESIS: A PATH TO A LIVING EXPERIENCE OF FAITH IN THE ECCLESIAL COMMUNITY*

*Thiago Faccini Paro\**

**RESUMO:** A liturgia e a dimensão celebrativa da catequese tornam-se ferramentas importantes e necessárias para se trilhar um caminho de viva experiência de fé na comunidade eclesial, dando as chaves e códigos para uma verdadeira e profunda compreensão dos símbolos e ritos que constituem a linguagem da Sagrada Liturgia e que insere pessoas diferentes na unidade do Corpo Místico do Senhor, a Igreja.

**Palavras-chave:** Catequese; liturgia; iniciação à vida cristã, mistagogia; celebração.

**ABSTRACT:** *The liturgy and the celebratory aspect of catechesis serve as important and necessary tools for embarking on a journey of lived faith experience within the ecclesiastical community, providing the keys and codes for a true and deep understanding of the symbols and rites that constitute the language of the Sacred Liturgy and which incorporates different people into the unity of the Mystical Body of the Lord, the Church.*

**Keywords:** *Catechesis; liturgy; initiation into the Christian life; mystagogy; celebration.*

---

\* Mestre em Teologia pela PUCSP; professor de liturgia da FAJOPA – Marília e professor convidado de diversos cursos de pós-graduação *lato sensu* de liturgia, pedagogia catequética e espaço litúrgico. É assessor do Setor de Espaço Litúrgico da Comissão Episcopal Pastoral para Liturgia da CNBB e membro da Associação dos Liturgistas do Brasil-ASLI.

## INTRODUÇÃO

O Papa Francisco publicou na Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo de 2022, a Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, sobre a formação litúrgica do povo de Deus, reafirmando-a como dimensão fundamental da Liturgia para a vida da Igreja, já expresso na Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, quando tratando da formação dos pastores, afirma: “Nos seminários e casas religiosas, adquiram os clérigos uma formação litúrgica da vida espiritual, mediante uma conveniente iniciação que lhes permita penetrar no sentido dos ritos sagrados e participar perfeitamente neles” (SC 17). Noutra parte, diz: “Procurem os pastores de almas fomentar com persistência e zelo a educação litúrgica e a participação ativa dos fiéis, na convicção de que estão cumprindo um dos mais importantes múnus do dispensador fiel dos mistérios de Deus” (SC 19).

Neste sentido, cumpre papel fundamental todo o processo de iniciação à vida cristã, que tem como principais dimensões a catequese e a liturgia. Porquanto, é na dimensão celebrativa da catequese, também conhecida como catequese mistagógica, que parte da vivência das ações rituais, e que na liturgia encontra seu maior significado para as crianças, os jovens e os adultos que são iniciadas em sua vida eclesial.

Deste modo, no presente texto refletiremos sobre a necessidade e a importância da unidade entre catequese e liturgia, e da redescoberta da dimensão litúrgica da catequese. Resgatando as práticas catecumenais da Igreja primitiva e as intuições e experiências do pós-Concílio Vaticano II, buscaremos dar pistas de ações para uma catequese que forme cristãos conhecedores dos ritos e símbolos, que constituem a linguagem litúrgica, e mais conscientes de sua fé, concretamente vivida e celebrada no interior da comunidade eclesial.

### 1. LITURGIA: FONTE E ÁPICE DA VIDA DA IGREJA

Jesus em sua peregrinação a Jerusalém, onde iria celebrar pela última vez a ceia pascal, faz o anúncio de sua paixão aos seus discípulos: “Então começou a ensinar-lhes que o Filho do homem deveria sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos escribas, que deveria ser morto e ressuscitar depois de três dias” (Mc 8,31-32). Os discípulos ficaram decepcionados, frustrados e sem compreender direito o que significavam as palavras de Jesus, pois esperavam um messias poderoso que os livrasse do poder romano, buscavam um reino terreno, de poder e *status*. Prova disso são as diversas discussões entre os discípulos a respeito de quem é o maior (cf. Lc 22,24; Mc 8,32; 9,33-34).

Diante da reação dos discípulos e da falta de entendimento dos mesmos, Jesus toma consigo Pedro, Tiago e João e os leva para um monte alto e afastado e ali “transfigurou-se diante deles. Suas vestes ficaram brilhantes e tão brancas como nenhuma lavadeira do mundo as poderia branquear. Apareceram-lhes Elias e Moisés conversando com Jesus” (Mc 9,2-4). Com a transfiguração, Jesus antecipa aos discípulos a experiência escatológica do fim dos tempos, e os faz experimentar já aqui o céu, revelando-lhes o Reino prometido, fazendo-os compreender de que valerá a pena assumir a cruz e a morte, para enfim alcançar a ressurreição. A experiência é tão grande e profunda que Pedro não quer mais descer, quer armar três tendas e ficar ali. Jesus, porém, desce com eles o monte e continua o seu caminho.

Na liturgia, fazemos essa experiência da transfiguração. Durante a semana, abraçamos as cruzes e os desafios de cada dia, lutamos para continuarmos no caminho. Quando estamos desanimando, exaustos muitas vezes, a Igreja nos convida a subir o monte e lá experimentarmos o céu, a provarmos o que nos aguarda ao terminarmos nossa peregrinação terrestre. Assim, através da liturgia, a Igreja cumpre o mandato de Jesus: “fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19). Aqui, “não se trata de uma simples recordação, mas de uma atualização. Através da ação memorial, o passado é trazido para o hoje da celebração litúrgica e o futuro, a vinda gloriosa de Cristo, torna-se presente e antecipado na ação ritual”<sup>1</sup>. Deste modo, o espaço litúrgico, a igreja, torna-se o “ícone da montanha do qual subimos e vivenciamos essa transfiguração através da ação ritual, o lugar de onde vemos, pela participação litúrgica, o céu que desce a terra e Deus que se faz presente no meio de nós”<sup>2</sup>, como esclarece Rodrigo Arnos.

## 2. A LINGUAGEM LITÚRGICA

Como seres humanos, temos necessidade de coisas visíveis, de olhar e tocar, de cheirar e comer, de ouvir e falar... sobretudo quando se fala do transcendente, daquilo que não se vê e não se pode tocar. Os sinais sensíveis (que passa pelos sentidos: tato, paladar, audição, visão e olfato), ou seja, os ritos e símbolos, constituem a linguagem litúrgica, um modo de expressar e comunicar a fé professada e celebrada, tornando-se mediadores daquilo que ainda não se vê.

Mas para que essa comunicação seja efetiva, assim como para compreender qualquer língua e cultura que não seja a sua, é necessário ser introduzido através do estudo e da compreensão dos costumes e tradições daquele povo, do qual não se é pertencente. Imaginemos

---

<sup>1</sup> PARO, Thiago Faccini. *Conhecer a fé que professamos*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 42.

<sup>2</sup> ARNOSO, Rodrigo; PARO, Thiago F. *Conhecer o Ano Litúrgico que vivenciamos*. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 23-24.

por exemplo uma viagem a um país oriental, com costumes e dialetos próprios. Sem conhecer a língua local e ter alguém que explique os costumes próprios daquele povo e sua história, dificilmente conseguiremos estabelecer um diálogo e uma compreensão mais aprofundada de suas práticas. O mesmo acontece com a liturgia da Igreja.

A liturgia com seus diversos ritos e símbolos foi constituída ao longo dos séculos com a intenção de fazer com que os fiéis celebrassem sua fé no Cristo Vivo e Ressuscitado, não como uma simples recordação, mas como atualização do evento salvífico da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor. Neste sentido, cada rito e símbolo tem um significado específico dentro de cada sacramento e sacramental. Compreender sua significação é fundamental para que a comunicação seja eficaz, para que cumpra seu objetivo de revelar e tornar presente o que se celebra.

A falta desta iniciação a linguagem simbólico-ritual, faz com que o rito se torne estéril, sem sentido, fazendo da liturgia um rito repetitivo, chato e cansativo. Diante disso, não basta tentar dinamizar a liturgia transformando-a em espetáculo, com entradas pirotécnicas e adjetivada: missa disso ou daquilo. Uma resposta eficiente está em resgatar na catequese, sua dimensão celebrativa, como proporemos a seguir.

### **3. LITURGIA: GARANTIA DE IDENTIDADE E UNIDADE**

A riqueza da Igreja está na sua diversidade. São Paulo em diversas de suas cartas a compara com o corpo, como se pode ler 1 Cor 12,12: “assim como o corpo é um, embora tenha muitos membros, e como todos os membros do corpo, embora sejam muitos, formam um só corpo” (cf. 1 Cor 10,17; Rm 12,4s). A Igreja é constituída por pessoas diferentes, em sua forma de pensar e agir... com criação diferente, de culturas diversas... com diversos dons e talentos. O Cristianismo, desde suas origens, como vimos na carta de São Paulo, é marcado pela diversidade que, bem integrado, torna-se unidade, constituindo o grande corpo que é a Igreja, cuja cabeça é Cristo.

Neste processo de iniciação, além da compreensão doutrinal da fé, do que cremos e professamos, importante movimento se dá na transmissão da compreensão do sentido dos ritos e símbolos na sagrada liturgia. É na celebração dos sacramentos e sacramentais que fica visível a identidade da Igreja, como visto ao falarmos da linguagem da liturgia. É a ação simbólico-ritual que, em grande parte, nos diferencia de qualquer outra religião. É pela compreensão das

ações rituais que um fiel em viagem, mesmo não sabendo a língua daquele país, poderá participar ativa e plenamente da liturgia, não presidida na sua língua.

É no conjunto dos símbolos presente na arquitetura de um templo (torre ou campanário, sinos, cruz, vitrais, porta), que se identificará nossas igrejas como um espaço católico romano; é na vestimenta e insígnias que nos reconhecemos como cristãos. Preservar e transmitir a gama de ritos, símbolos e sinais, sobretudo os da Sagrada Liturgia é garantir a sobrevivência e identidade de nossas comunidades, gerando unidade entre os diversos grupos, pastorais, movimentos e organismos que constituem a Igreja, apesar das diversas formas de espiritualidade e maneiras de expressarem a fé no Cristo Jesus.

A dimensão celebrativa da catequese, contribui para criar uma maior sensibilização para a linguagem ritual, inserindo aos poucos os seus destinatários na maneira de celebrar e vivenciar a fé na comunidade.

#### **4. EDUCAR PELO RITO**

A partir do visível, de ritos e símbolos, a Sagrada Liturgia comunica uma realidade escondida em cada gesto, ação, palavra ou elemento. Esta comunicação é feita de forma gradativa, em que um rito vai “puxando” o outro.

Deste modo, a primeira maneira de se iniciar na linguagem própria da liturgia, é participar de celebrações bem-preparadas, em que os que desempenham os diversos ministérios litúrgicos compreendam e executem de modo consciente cada rito e símbolo prescrito na “partitura” que constitui os livros litúrgicos. Dessa maneira, propomos, seguindo o método mistagógico, que catecúmenos e catequizandos<sup>3</sup> participem da celebração dos sacramentos e sacramentais. Após essa experiência, partindo do rito vivenciado, lhes serão explicados a simbologia e o significado do que viram e ouvirem, garantindo aos interlocutores a compreensão dos elementos que compõem a fé celebrada.

É preciso educar para uma sensibilidade simbólico-ritual, que prepare os catequizandos para celebrar a partir da ação ritual celebrada. Mas para que isso aconteça, tem importante papel a dimensão celebrativa da catequese, em que cada encontro, poderá inserir os catequizandos na linguagem simbólico-ritual da Igreja. Para tanto, propomos um breve itinerário formativo: oração inicial, convidando-os a traçar o sinal da cruz, escuta atenta da Palavra de Deus,

---

<sup>3</sup> Catecúmenos: pessoas não batizadas; Catequizandos: aqueles que são batizados na infância, mas que por algum motivo não completaram o processo iniciático. Por uma opção metodológica usaremos apenas o termo catequizando, porém, todo o contexto refere-se também aos catecúmenos.

educando-os ao silêncio. O próprio espaço poderá dispor de elementos próprios dos espaços celebrativos, a saber: ambão, vela, flores, imagens.... Enfim, são passos que podem inserir catecúmenos e catequizandos na fé celebrada pela comunidade.

O Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA)<sup>4</sup>, apresenta as celebrações próprias do itinerário a ser percorrido pelos adultos não batizados e por crianças em idade de catequese. Apesar de serem propostas para catecúmenos, o itinerário celebrativo do RICA, pode e deve ser adaptado também aos catequizandos, como já destacado pelos Bispos do Brasil, no Documento 107, publicado em 2017:

Inspirados pelas celebrações do RICA, organizar os diversos tempos da iniciação, procurando a adequada correspondência entre Bíblia, catequese, liturgia e comunidade. A inspiração que vem do RICA não significa imitar ou copiar o que lá se apresenta, mas perceber as celebrações como passos importantes para superação de uma prática pastoral que visa apenas a celebração de ritos e a recepção dos sacramentos. Certos ritos devem ser reservados aos não batizados que percorrem o caminho que leva à Iniciação à Vida Cristã.<sup>5</sup>

As celebrações são gradativas e podem ser divididas em dois grupos: celebrações que marcam a transição de uma etapa a outra, vistas como ritos de passagem (Rito de Admissão, Eleição...), e outras que acontecem no decorrer dos tempos (entregas do Credo, Pai-nosso, Escrutínios...). Ainda, no capítulo IV, o RICA apresenta adaptações e orientações às diversas realidades, como a preparação para a Confirmação e a Eucaristia de Adultos já batizados na infância, mas que não receberam a devida catequese. Algumas celebrações são reservadas apenas aos catecúmenos, outras apenas aos catequizandos, e outras, ainda, são comuns a ambos os grupos.

Todas as celebrações propostas pelo RICA, recuperam o itinerário de iniciação da Igreja primitiva, que inseria os cristãos na comunidade eclesial, que teve seu auge entre os séculos II a IV, processo que ficou conhecido como catecumenato. Este processo de preparação, de compreensão vital e de acolhimento dos grandes mistérios da vida revelada em Jesus Cristo estava composto por quatro tempos, a saber: *pré-catecumenato, catecumenato, iluminação ou purificação e mistagogia*, e três etapas: *admissão, eleição e celebração dos sacramentos*, e podem ser comparados aos degraus de uma escada<sup>6</sup>. Os recém batizados, precisavam compreender melhor os ritos e símbolos que vivenciaram durante a vigília pascal, de modo

---

<sup>4</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. São Paulo: Paulus, 2001.

<sup>5</sup> CNBB. *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília: CNBB, 2017.

<sup>6</sup> PARO, Thiago F. *As celebrações do RICA*. Conhecer para bem celebrar. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 19.

especial, os sacramentos que receberam. Era a função do 4<sup>a</sup> tempo, a **mistagogia**, que revelava através das catequeses mistagógicas o sentido teológico de cada rito celebrado. As diversas celebrações, da Palavra ou sacramentais, têm ainda o intuito de aproximar catequizandos e familiares da comunidade eclesial.

Resgatando esta antiga prática catecumenal, especial destaque damos as catequeses mistagógicas, que nos ajudam a compreender a dimensão litúrgico-celebrativa da catequese e a revelar o sentido da gama simbólica e ritual que constitui a celebração de nossos sacramentos e sacramentais. Através das catequeses mistagógicas, pode-se ir criando uma sensibilidade aos elementos que constituem nossos ritos, partir de seu sentido para sociedade e experiência pessoal, e depois para o sentido bíblico e histórico, até chegar na sua significação atual para a teologia litúrgica.

Levar, por exemplo, a coroa do advento, os ramos e as cinzas, a luz (vela, Círio Pascal), a água, o pão, o óleo e outros elementos simbólicos e rituais, para os encontros de catequese, e ainda envolvê-los na dinâmica do Ano Litúrgico, farão os catequizandos facilmente compreendê-los posteriormente na celebração litúrgica ou ao levá-los a participar de uma liturgia, partir dos ritos e símbolos experimentados, para explicá-los.

## **5. O SACRAMENTO DA PENITÊNCIA**

Como exemplo concreto, podemos citar a iniciação ao sacramento da Penitência. É muito comum se atender a primeira confissão dos já batizados às vésperas da celebração em que irão comungar pela primeira vez. Deste modo, acaba-se por vincular o sacramento da reconciliação à comunhão sacramental. Importante frisar que se trata de um sacramento, e que o mesmo exige uma celebração (pode ser comunitária), com escuta da Palavra, exame de consciência, confissão e absolvição individual, como prevê o Ritual da Penitência, que apresenta um roteiro e diversas sugestões de como realizá-lo. Deste modo, o mais ideal seria que os catequizandos fossem inseridos no sacramento da Penitência num tempo bem anterior a celebração da primeira eucaristia e que a confissão dos pecados, se desse no contexto de uma celebração. Isso ajudará a resgatar o sentido próprio do sacramento da Penitência, do qual nos confessamos para reconciliar com Deus e com os irmãos e conseqüentemente nos preparamos para receber o Corpo e Sangue do Senhor nas espécies eucarísticas<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> PARO, Thiago F. *Catequese e Liturgia na Iniciação Cristã: o que é e como fazer*. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 108-110.

## 6. AS SALAS PARA OS ENCONTROS DA CATEQUESE

Na prática catequética, uma possibilidade de valorizar a dimensão celebrativa é pensar na organização e formatação das salas em que o encontro de catequese é realizado. Muitas vezes dizemos que o catequista não é professor e a catequese não é escola, mas em muitos lugares, na prática, vemos um ambiente escolar nos espaços de catequese. Os catequizandos, principalmente os mais novos, ao chegarem à catequese e se depararem com o mesmo ambiente existente na escola, não conseguirão distinguir o espaço escolar da catequese. Diante disso, é importante uma renovação do ambiente catequético (exterior) para promover uma mudança interior (mentalidade). Oferecer um espaço distinto do escolar tradicional ajudará o catequizando a se portar de maneira diferente, colaborando para que, logo no primeiro dia, perceba a necessidade de uma postura distinta à que costuma ter na escola ou em outros locais<sup>8</sup>.

Como exemplo concreto de uma nova forma de pensar e organizar as salas de catequese, podemos citar a prática da Catedral de Santa Teresa, em Caxias do Sul, onde estruturaram o espaço em duas mesas: a mesa da Palavra e a mesa da catequese. Inspirados pela estrutura e ambiente próprios de nossas celebrações litúrgicas (as duas mesas), a mudança nos faz sair do esquema escolar para um ambiente mais celebrativo, buscando uma estreita ligação entre catequese e liturgia em encontros dinâmicos e orantes. A mesa da Palavra consiste em organizar um ambão ou uma pequena mesa para colocar a Bíblia e fazer a sua leitura, ornamentando-a com uma vela acesa ao lado e toalhas com a cor do tempo litúrgico em curso, educando os catequizandos para a ritualidade, para a oração, para o silêncio e a escuta da Palavra.

A mesa da partilha, por sua vez, constitui-se de “uma grande mesa com várias cadeiras ao seu redor, é o local onde os catequizandos irão buscar compreender com a ajuda do catequista o sentido e significado da Palavra”<sup>9</sup>, atualizando-a em suas vidas. Com essa mesa, pretende-se ainda resgatar o costume de sentar-se ao redor da mesa para saborear uma refeição, onde crianças, jovens e seus catequistas, saborearão a Palavra de Deus<sup>10</sup>. Ao redor dessa mesa poderá estimular os catequizandos a partilhar o texto bíblico, quem são os personagens e quais os seus sentimentos, o ambiente em que se passa o texto e o contexto onde acontece e ainda uma mensagem que possam ter aprendido. Ainda ao redor da mesa da partilha, poderão ser utilizados

---

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 87-92.

<sup>9</sup> PARO, Thiago F. *O Caminho*: subsídio para encontros de catequese de Primeira Eucaristia, 1ª Etapa. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 8.

<sup>10</sup> BRUSTOLIN, Leomar A. *A mesa do pão*: Iniciação à Eucaristia. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 14.



muitos outros recursos didáticos, em vista da pedagogia das idades e da teoria das múltiplas inteligências. Poderão ser iniciados nos ritos e símbolos, ou seja, a catequese desenvolverá uma sensibilidade nos catequizandos para, aos poucos, podermos lhes dar as chaves e os códigos para decifrarem as ações rituais.

Pensar novos espaços para os encontros de catequese visa mostrar que nossos catequistas não são professores, mas mistagogos que guiam os catequizandos para o Mistério, fazendo com que vivam uma experiência pessoal com Jesus Cristo. Num clima alegre e acolhedor, a Palavra se atualiza e se transforma em oração e gestos concretos, os aproximando da vivência eclesial.

## 7. A DIMENSÃO ORANTE DA PALAVRA DE DEUS

A Palavra de Deus é a fonte de todo anúncio querigmático e, conseqüentemente, da catequese. O Concílio Vaticano II, afirmou que “a Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, como também o próprio corpo do Senhor; sobretudo na sagrada liturgia, nunca deixou de tomar e distribuir aos fiéis, da mesa tanto da palavra de Deus como do corpo de Cristo, o pão da vida”<sup>11</sup>. Com esta proclamação, o Concílio resgatou a importância da Palavra de Deus e incentivou sua leitura e meditação pessoal e comunitária.

Sessenta anos após a realização do Concílio Ecumênico Vaticano II, ainda hoje percebe-se a dificuldade que as pessoas e comunidades têm para entender e interpretar as passagens da Sagrada Escritura. E, mais ainda, para atualizar sua mensagem à sua realidade pessoal e comunitária. Muitas comunidades correm o risco de cair numa interpretação superficial e/ou fundamentalista. A Igreja, portanto, tem a missão de oferecer as chaves para a sadia leitura e interpretação dos textos bíblicos, encontra, pois, na catequese um importante e fundamental espaço, sobretudo, ao transmitir um método antigo de leitura e interpretação da Sagrada Escritura: a *Lectio Divina*.

A *Lectio Divina*, consiste na leitura de um trecho bíblico, repetida duas ou mais vezes, acompanhada de oração, meditação e contemplação. O Papa Bento XVI, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Palavra na vida e na missão da Igreja, escreve:

Nos documentos que prepararam e acompanharam o Sínodo, falou-se dos vários métodos para se abeirar, com fruto e na fé, das Sagradas Escrituras. Todavia prestou-se maior atenção à *lectio divina*, que ‘é verdadeiramente

---

<sup>11</sup> CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum*: sobre a Revelação Divina. In. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituições, Declarações, Decretos*. São Paulo: Paulus, 2001, n. 21.

capaz não só de desvendar ao fiel o tesouro da Palavra de Deus, mas também de criar o encontro com Cristo, Palavra divina viva'.<sup>12</sup>

O contato direto e contínuo com a Sagrada Escritura e a progressiva consolidação da *lectio divina* como método e instrumento de oração, demonstrarão a possibilidade de educar os cristãos para beberem das fontes puras da fé. Para que o catequista consiga ensinar e transmitir com fidelidade a mensagem da Sagrada Escritura é preciso, pois, que ele a medite e a atualize antes de tudo, em sua própria vida. A Palavra de Deus precisa ser uma realidade constante no seu dia a dia.

## CONCLUSÃO

A função da catequese na iniciação à vida cristã deve superar a transmissão da fé feita apenas de maneira oral, doutrinal e de práticas escolares. É preciso que seu itinerário contemple a possibilidade de fazer com que a fé seja experimentada pelos sentidos, pela vivência e compreensão de toda ação ritual, tornando-se uma catequese que ensine e ajude a compreender a linguagem própria da liturgia, e conseqüentemente a maneira de rezar da Igreja.

Por sua vez, a liturgia no processo de Iniciação Cristã não deve ser restrita apenas às celebrações, pois vai muito além disso. Deve estar no cotidiano dos encontros, desde a oração inicial e as preces até a mistagogia, por meio dos símbolos e ritos (...). As celebrações propostas pelo RICA, sobretudo as de entrega dos símbolos, carregam um sentido teológico, pedagógico e mistagógico. É preciso ter consciência disso para não multiplicar o número de celebrações (entrega de terço, do Catecismo da Igreja Católica, da imagem da Sagrada Família...), correndo o risco de torná-las momentos alegóricos, sem um objetivo iniciático específico.

A liturgia e a dimensão celebrativa da catequese tornam-se ferramentas importantes e necessárias para se trilhar um caminho para uma viva experiência de Fé na comunidade eclesial, tão desejado pelos padres conciliares e que tem encontrado eco nas palavras do Papa Francisco ao escrever sobre a formação litúrgica do povo de Deus:

Gostaria que a beleza da Celebração cristã e suas necessárias conseqüências na vida da Igreja não fossem deturpadas por uma compreensão superficial e redutiva do seu valor ou, pior ainda, por uma instrumentalização a serviço de alguma visão ideológica, seja qual for. A oração sacerdotal de Jesus na Última Ceia, para que todos sejam um (Jo 17,21), julga todas as nossas divisões em

---

<sup>12</sup> BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*: a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 159.

torno do Pão partido, *sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade*.<sup>13</sup>

Que a catequese, ao redescobrir sua dimensão celebrativa, ajude os que estão sendo iniciados, a superar toda e qualquer forma de intimismo e individualismo da fé, a superar o subjetivismo e “pietismo”, para que sua vida de oração, alicerçada na Palavra de Deus e na ação Memorial, seja reflexo de uma vida comunitária doada aos irmãos e irmãs.

## **BIBLIOGRAFIA**

ARNOSO, Rodrigo; PARO, Thiago F. *Conhecer o Ano Litúrgico que vivenciamos*. Petrópolis: Vozes, 2021.

BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*: a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.

BRUSTOLIN, Leomar A. *A mesa do pão: Iniciação à Eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 2009.

CNBB. *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília: CNBB, 2017. (Documento 107).

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum*: sobre a revelação divina. In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. 3.<sup>a</sup> ed. *Constituições, Declarações, Decretos*. São Paulo: Paulus, 2014.

FRANCISCO. *Desiderio Desideravi*: sobre a formação litúrgica do povo de Deus. Brasília: CNBB, 2022.

PARO, Thiago F. *O Caminho: subsídio para encontros de catequese de Primeira Eucaristia*, 1<sup>a</sup> Etapa. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. *As celebrações do RICA*. Conhecer para bem celebrar. Petrópolis: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. *Conhecer a fé que professamos*. Petrópolis: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. *Catequese e Liturgia na Iniciação Cristã: o que é e como fazer*. Petrópolis: Vozes, 2018.

RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. São Paulo: Paulus, 2001.

---

<sup>13</sup> FRANCISCO. *Desiderio Desideravi*: sobre a formação litúrgica do povo de Deus. Brasília: CNBB, 2022, n. 16.